

As religiões do Japão: sincreretismo, natureza e estrutura social

Conferência de Inês C. Matos

23 de Fevereiro de 2015

14:30 H

Coimbra: Casa das Caldeiras (junto à AAC)

Entrada Livre

Aviso:

Este documento apresenta os conteúdos da conferência supracitada, conforme foram apresentados pela autora, e encontra-se disponível para leitura privada e fins pedagógicos através do blog <https://umlongoveraonojapao.wordpress.com>. Os direitos de autor reservam-se a Inês Carvalho Matos, a qual detém a propriedade intelectual de todo o conteúdo.

Não se autoriza a citação no todo ou em partes sem pedir referência por escrito à autora. Também não está autorizada a partilha em blogues, qualquer tipo de meio de comunicação on-line, publicação em revistas/jornais ou sector editorial. Admitem-se as partilhas (do link que dá acesso ao documento) em redes sociais desde que tenham a referência da página de Facebook “Um-longo-Verão-no-Japão” ou do blog deste projecto, no entanto o extracto de texto e/ou imagem a partir do mesmo será considerado violação de direitos de autor e violação de propriedade intelectual.

Para comentário aos conteúdos deste documento por favor escreva para umlongoveraonojapao@gmail.com

Sincretismo

A substituição de um sistema religioso por outro, mas conservando elementos do primeiro (que se integram no segundo);

A amálgama de práticas provenientes de diferentes religiões, usadas por uma comunidade ou povo sem preferência por uma delas;

A superficialidade de execução de certos rituais religiosos por parte da esmagadora maioria dos fiéis, sendo a natureza dos mesmos apenas discernível pelos sacerdotes ou iniciados, que por sua vez toleram superstições ou elementos exógenos incorporados nessa forma “popular” de religião.



O Japão é, desde longa data, um caso de estudo complexo e interessante no que diz respeito às religiões e à sua relação com o tecido social. O Japão moderno não deixou de ser mais rico em manifestações religiosas do que o Japão medieval, e em todos os períodos da sua história o entendimento das tendências espirituais é fundamental para compreendermos eventos políticos e culturais.

Quando começamos a estudar as religiões do Japão, um dos primeiros conceitos que todos os manuais nos apontam é o “sincretismo”. No entanto, como a própria noção de “sincretismo” é Ocidental e foi forjada para representar uma ideia política não é uma importação fácil para entender a realidade das religiões no Japão.

Sob esta capa larga e abrangente do “sincretismo” cabem muitos processos religiosos diferentes, alguns existem efectivamente no Japão – ou existiram em determinados períodos da sua história – mas outros não. Vamos deter-nos aqui apenas nas formas de sincretismo religioso relevantes para entender o caso do Japão.

Considerar o sincretismo como uma característica de declínio civilizacional (como já foi a tendência predominante dos académicos ocidentais) não só é incorrecto como apaga a possibilidade de ver – e portanto de analisar e aprender – como o sincretismo efectivamente funciona, isto é, qual é a sua relação com a história de uma comunidade humana e de que modo nos permite perceber a natureza desse povo.

Outro ponto a ter em consideração é o de o sincretismo não ser uma substituição mal conseguida, uma espécie de etapa de desenvolvimento por consolidar, o que nos levaria a hierarquizar as religiões mais novas como as mais desenvolvidas e as mais primitivas como as menos dignas de respeito ou estatuto. Nas religiões esta hierarquização não serve para nada, muito menos para os estudantes e investigadores.

Período	Religião	História do Japão	História Mundial
Jomon até 300 a.C.	Animismo Crença em espíritos de todas as coisas e seres	Período de caça, pesca e recolha	Sócrates, Platão, Aristóteles, Gautama, Buda, Confúcio
Yayoi c. 300 a.C. até 200 d.C.	Kami Culto dos Antepassados	Estados Tribais	Mêncio; Jesus de Nazaré Dinastia Han (China) 202 a.C. até 220 d.C.
Yomato / Tumuli c. 200 até 500	Primeiros Santuários Xintoístas Emigrantes coreanos introduzem Confucionismo e Tauismo	Rainha Himiko (d.C. 180 – 248) Família Imperial (unificação)	313 Cristianismo reconhecido no Império Romano

É preciso notar que o sincretismo japonês é uma característica endógena do Japão, está na natureza religiosa do povo japonês, não é uma consequência do impacto directo de outras religiões no Japão.

Ao contrário do que se tem difundido, o sincretismo religioso do Japão não tem a sua origem na introdução do Budismo no Japão. Apesar de a relação Xintoísmo – Budismo ser o par predominante em termos de manifestações religiosas sincréticas, o sincretismo em si é anterior à configuração do xintoísmo como “religião”. Quer-se com isto dizer que o sincretismo foi a base da coexistência de diversas religiões animistas durante o período Jomon (até c. 300 a.C.), as quais se modificaram durante o período Yayoi (c. 300 a.C. até 200 d.C) para incluir o conceito de “kami” e, por acréscimo, o culto aos antepassados.

O Xintoísmo definiu-se como religião na transição do período Yayoi para o período Yomato ou Tumuli (c. 200 d.C. até 500 d.C.), mais exactamente através de certos sintomas. Por volta do ano 200 d.C., apesar de ainda não existir um termo (uma palavra) para designar o Xintoísmo, certas crenças sobre os antepassados e os

kami (que vinham das religiões animistas) ultrapassaram as fronteiras tribais e estabeleceram-se como a base para um novo sistema religioso; para além disso os túmulos e as ideias associadas ao pós-morte passaram a fazer parte do sistema de crença dos vivos. Por fim, criaram-se santuários e a família predominante (que viria a ser a família imperial) incluiu-se na mitologia fundadora do Japão e no seu sistema de crenças, agindo doravante como família sacerdotal por excelência.

Assim, o sincretismo religioso específico do Japão pode definir-se como sendo um processo interno que tem em vista a coesão social e política por via do compromisso na esfera religiosa, em última análise, favorecendo o aparecimento da própria identidade nacional do Japão - e presente nas suas várias fases de reestruturação.

No entanto não se quer com isto dizer que as dinâmicas do sincretismo japonês sejam “naturais” e portanto sentidas como inevitáveis e de fácil convenção. Antes pelo contrário: as negociações, avanços e recuos entre que elementos coexistem, qual a sua relação, e que reconhecimento têm como religião da nação, estão intimamente ligadas às contingências da História do Japão Antigo e Moderno.

"The kami of our land will be offended if we worship a foreign kami"

O(s) Kami da nossa Terra ficarão ofendidos se adorarmos Kami estrangeiros.

Palavras de Mononobe no Okoshi,
ministro durante o período Tumuli



Fonte:

Tamura, Yoshiro (2000). "The Birth of the Japanese nation".
Japanese Buddhism - A Cultural History (First Edition).
Tokyo: Kosei Publishing Company.
p. 26-33

Por exemplo, o Budismo não se mesclou imediatamente com o Xintoísmo. Aquele foi introduzido no Japão no século sexto, três décadas decorridas do período Asuka, levando a uma denominação do Xintoísmo como “via dos Kami”, ou seja, religião nativa. A teoria historiográfica mais radical quanto ao sectarismo entre Budismo e Xintoísmo afirma que o Xintoísmo apenas se consolidou definitivamente – do ponto de vista da formalização dos rituais – precisamente para se apresentar perante os eruditos budistas como uma religião legítima do Japão, e portanto que a formulação dos seus espaços físicos e de muitos dos seus conceitos se fez em reacção à introdução do budismo.



Honen (left) studies the Three Scriptures of the Tendai School (Hokke Sandaibu)

Apenas a partir do período Hakuo (a partir de 645) se pode falar de uma coexistência pacífica, e só no período Nara (depois de 710) florescem as Escolas ou Orientações Budistas na capital imperial e o Budismo ganha tanto estatuto junto dos nobres como o Xintoísmo.

O facto de o Xinto-Budismo como par sincrético ter predominado na vida espiritual do Japão Medieval e Moderno é indiscutível, e recebeu inclusivamente uma designação própria: Shinbutsu-shūgō.

Só depois da Restauração Meiji, já no século XIX, se voltaria a procurar separar claramente o Budismo do Xintoísmo, no seio de um estado moderno que procurava afirmar-se perante o jogo de poder entre as nações e num contexto de xintoísmo nacionalista.

“os japoneses rezam aos kami (divindades) pedindo
longevidade, saúde, riqueza, fama e todos os outros benefícios
terrenos, voltando-se no entanto para Hotoke (Buda) para
implorar a sua salvação religiosa pessoal”

Citado a partir de
Luís Fróis, Historia de Iapam
em
Matsuda, Goichi; Kawasaki, Momota
Nihonshi (História do Japão),
Tokyo, Chuokoronsha, 1981,
3: 285



Estátua de Luís Almeida em Oita, na qual se mostra o seu
papel como fundador do primeiro hospital do Japão.

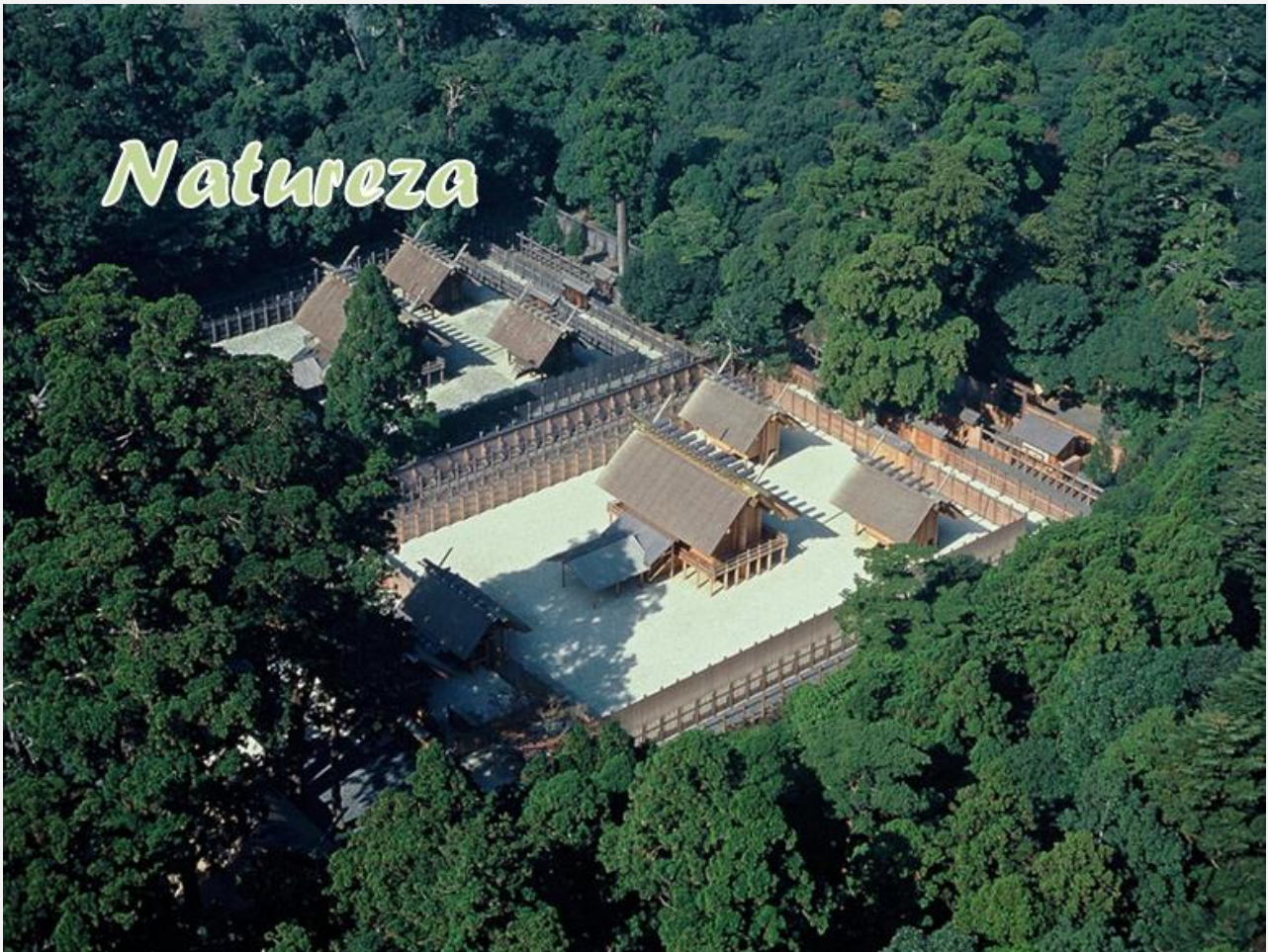
O Xintoísmo e o Budismo interagiram de inúmeras maneiras mas a nível popular conseguiram entre si uma certa divisão de tarefas. Luís de Almeida, jesuíta português, visitou o santuário Kasuga em Nara em Maio de 1565 e escreveu o seguinte: “os japoneses rezam aos kami (divindades) pedindo longevidade, saúde, riqueza, fama e todos os outros benefícios terrenos, voltando-se no entanto para Hotoke (Buda) para implorar a sua salvação religiosa pessoal”.

Parte II – Natureza

Também é no Xintoísmo que encontramos a chave para a relação entre a Natureza e a espiritualidade no Japão. No entanto essa relação não se resume ao facto de, no xintoísmo, se cultuarem espíritos da Natureza e deificarem certas forças do mundo natural.

Em todas as religiões do mundo, ou pelo menos nas suas origens, existe um sentimento complexo, misto de temor e maravilhamento (em inglês “awe”). A Antropologia tem-se ocupado da comparação entre civilizações e religiões quanto ao modo de transformar em ritual religioso esta emoção dos seres humanos perante certas manifestações do mundo natural ou da sua própria percepção psicológica do mesmo. Por exemplo, o poder

de atracção mística que as florestas centenárias exerciam nos habitantes do Japão antigo era exactamente o mesmo que modelou a religião celta no extremo Ocidental da Europa.



Contudo, levado por determinadas condições sociopolíticas das comunidades tribais japonesas, e depois da formação do Estado, o Xintoísmo sistematizou o modo de perceber, nomear, homenagear e aplacar estas forças da Natureza, de um modo sistemático que fez a religião chegar, bem viva, aos dias de hoje. As divindades mais antigas são em si mesmas parte do mundo natural ou, pelo menos, manifestam-se nele; mas para também disso também os santuários a elas dedicados são a sua habitação permanentemente (neste sentido compare-se à religião helénica), e portanto as divindades possuem o solo (que se converte em sagrado) e os que a elas se dedicam (dos quais se exige pureza).

As divindades genésicas do xintoísmo simultaneamente expressam e reforçam a crença na santidade da cosmogonia japonesa e de todos os elementos que compõem a realidade: terra, água, seres vivos e vegetação, e portanto o próprio acto de lhes prestar culto e cuidar dos seus aposentos exige a permanência dessa relação de pureza para com o ambiente natural, suportando-o e preservando-o, já que este garante a vitalidade da divindade ao mesmo tempo que precisamente expressa a sua existência.

Um exemplo paradigmático será o Santuário de Ise, na foto. Este santuário expressa a relação entre a Natureza e o Xintoísmo não só porque nele se presta culto ao kami do Sol – Amaterasu – e também à divindade das boas colheitas de arroz, mas sobretudo porque todo o santuário precisa de uma floresta inteira para se manter e reconstruir periodicamente. Veremos um excerto de um documentário, no qual se explica bem este ponto.

- ➔ Neste ponto da conferência foi apresentado um excerto de um documentário dedicado ao Santuário de Ise. O documentário foi originalmente produzido pela estação televisiva japonesa NHK e o excerto seleccionado para apresentar foi traduzido do original (inglês e japonês) para o português pela própria autora – Inês Matos. Este excerto foi seleccionado porque mostra o procedimento de reconstrução periódica deste complexo e a sua interdependência com as florestas que fornecem a madeira para essa reconstrução ritual.

Parte III – Estrutura Social

Estrutura Social



Gravura de Utagawa Kunisada, representando o episódio em que Amaterasu é atraída para fora da gruta com as jóias e o espelho, fazendo por isso com que a luz do sol regresse à Terra.



Divindade Xinto. Madeira. Séc. IX.
Propriedade do Santuário Matsunoo Taisha,
Kyoto. Classificado como Tesouro Nacional.

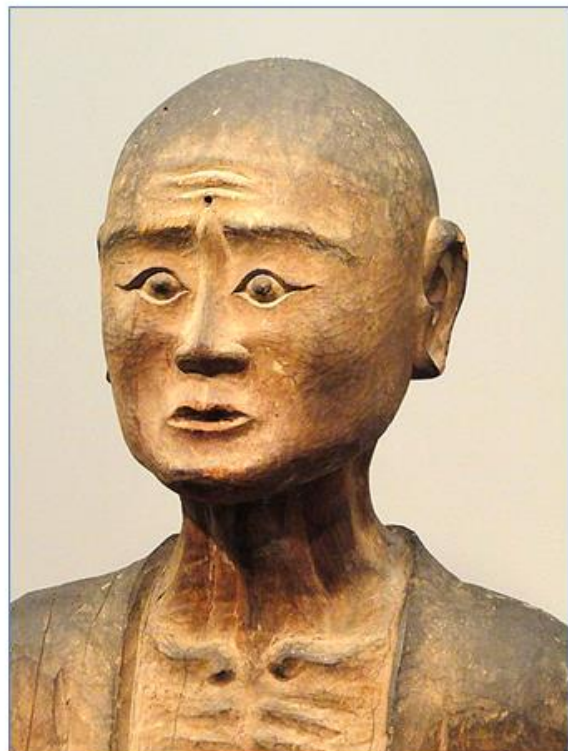
Uma vez que a formação da estrutura social do Japão decorreu a par e passo com a consolidação do Xintoísmo como religião e também com a preponderância da família imperial, o entendimento dos próprios rituais religiosos deve ser feito à luz desta relação de cumplicidade. Coincidente com o fim dos estados tribais e a criação de uma capital está a definição de uma mitologia nacional, segundo a qual os governantes são descendentes directos da cosmogonia – por via de Amaterasu,

Desde o século VI, mesmo no caso do Budismo, a manifestação da religião sempre foi, no Japão, uma forma complementar de conformação da ordem social, designadamente por aproximação entre as estruturas das instituições religiosas e as do estado, não raras vezes sobrepondo-se inteiramente.

A preponderância do culto dos Kami potenciou o sincretismo entre o Budismo e o Xintoísmo, pois vários Bodisatvas foram considerados kami incarnados e por sua vez alguns personagens históricos ilustres (depois cultuados como kami) foram considerados reencarnações de bodisatvas. Esta interdependência entre a natureza sobrenatural do espírito que anima certa personagem e a sua obra terrena deu origem a uma identificação quase instantânea entre a pessoa que ocupa um cargo elevado e a sua divindade – mesmo enquanto viva.



Estátua de pedra de um “Kitsune”, no Templo Todai-Ji (budista), em Nara.



Divindade Xinto (Kami) do Monge Kyeya. Escultura em Madeira. Séc. XII. Propriedade do Art Institute, Chicago.

Assim, sábios de grande reputação, sacerdotes de piedosa devoção e quase todos os imperadores eram considerados seres santos e, na prática, adorados como kami mesmo em vida. Desse modo a pirâmide social já fortemente estruturada – podemos mesmo falar num sistema de castas – reveste-se de uma lógica também ela de ligação entre o divino e o terreno: em que as figuras de topo governam sobre os estratos mais baixos por causas simultaneamente naturais e sobrenaturais.

Contudo, a cultura de massas não se sentiu afastada da religião por esta ser tão conivente com a estrutura política do país. A plasticidade do xintoísmo permitiu integrar no sistema de crenças kami menores, praticamente ao mesmo nível que o folclore de outras nações, o que enriqueceu as práticas religiosas populares de estórias e festivais.

Existem ainda formas de arte ou, de modo mais abrangente, expressões de cultura e estética, que são simultaneamente derivações de uma sensibilidade religiosa particular e sistemas de reforço das relações sociais hierarquizadas, das quais o maior exemplo é sem dúvida a Cerimónia do Chá.



Fotografia de reconstituição histórica com manequim e artefactos antigos. Representa um mestre de Cerimónia do Chá e seu equipamento habitual. Exposição “Steeped in History: The Art of Tea”, Fowler Museum, UCLA.

Não é este o momento de explicar a História do aparecimento e desenvolvimento desta prática, mas de modo muito sucinto pode indicar-se que se caracteriza pela necessidade de enquadramento natural (um jardim), que é uma manifestação da espiritualidade do Budismo Zen e que tem como base a etiqueta que exige o respeito pela senioridade e posição entre o mestre-de-cerimónias e os convidados.

Tendo em conta as várias dimensões nas quais as Religiões, a Natureza e a Estrutura Social interagem ao longo da História do Japão não é de estranhar que os processos aparentemente exclusivos de cada um

destes domínios acabem por revelar os conceitos específicos de outro, como por exemplo a pertinência do pensamento espiritual e cosmogónico para o desenho de jardins, ou o significado das plantas e a sua relação no mundo natural como base para a heráldica – os Mon.

Por isso a sessão de hoje foi pensada como um verdadeiro Encontro com o Japão (ver cartaz do programa completo), uma ocasião para os estudantes e os curiosos contactarem com assuntos que se relacionam intimamente quando começamos a desvendar cada um deles, uma forma de entender a comunicação entre as coisas e os temas que é tão cara ao próprio sistema de pensamento nipónico.



ENCONTRO COM O JAPÃO

ENTRADA LIVRE

23 de fevereiro | 14h00 - 17h30
Casa das Caldeiras

Inês Carvalho Matos, *As religiões do Japão*, sincretismo, natureza e estrutura social.

Apresentação do documentário, *Kado Matsu*, com a presença do realizador António João Saraiva.

Cristina Castel-Branco, *Jardins Japoneses*, natureza e espiritualidade.

António Xavier, *Mon*, heráldica das famílias japonesas.

24 de fevereiro | 18h00
Livraria Bertrand | CC Dolce Vita

Apresentação do livro *Património de Cristianismo no Japão*, publicado por Edições Vieira da Silva.

Organização: Centro de Línguas
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Telefone: 239 41 00 75 | Correio Eletrónico: cl@fluc.pt

• U  C • FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Apoios:

Casa das Caldeiras | UC  